

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA INCLUSÃO: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DO APOIO PEDAGÓGICO EM UMA SALA DE AULA DO RECIFE

Talita Bezerra da Silva ¹
Maria Laura Santos Vieira ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios e as estratégias relacionados à inclusão escolar, a partir da perspectiva do apoio pedagógico em uma sala de aula de uma escola municipal do Recife. Este estudo destaca-se pela relevância no que tange ações afirmativas, uma vez que se fundamenta na análise de vivências e experiências de profissionais que atuam diretamente com alunos neuroatípicos, permitindo identificar alguns dos obstáculos encontrados no cotidiano escolar que frustram a promoção da inclusão, e quais são as estratégias e ferramentas usadas para superá-los. No que se refere à metodologia, a pesquisa é de natureza qualitativa, com caráter exploratório, bibliográfico e de campo. Utilizamos a entrevista semiestruturada como instrumento principal de coleta de dados. Esta, por sua vez, revelou a importância do papel do profissional de apoio, muitas vezes desconhecida até por eles mesmos, e como a falta de valorização e incentivo a formação continuada dessa função pode impactar negativamente a aprendizagem dos alunos. Observamos que, em muitos casos, o apoio pedagógico é reduzido a uma função de acompanhamento, sem os devidos recursos ou preparo, o que compromete o processo de inclusão, que é um direito garantido a todos. Sassaki (2003) defende o fato de que incluir é adaptar o sistema para o indivíduo, e não o contrário. Isso está diretamente ligado à análise dos desafios estruturais e pedagógicos na escola. Baseado nisso, constatou-se que a ausência de acessibilidade arquitetônica, a escassez de recursos pedagógicos e a falta de formação continuada dos profissionais que atuam com a inclusão, criam barreiras que atrapalham a promoção da inclusão nessa sala de aula.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Apoio Pedagógico. Educação Inclusiva. Neurodivergência. Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem sido amplamente debatida nas últimas décadas como um princípio fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No campo educacional, esse conceito se traduz no desafio de garantir que todos os

estudantes tenham assegurado o direito de aprender em condições de equidade, independentemente de suas especificidades. Mais do que a presença física na escola, a inclusão pressupõe a participação ativa, a valorização das potencialidades e o respeito às diferenças. Nesse sentido, o apoio pedagógico emerge como um recurso estratégico, uma vez que representa o elo entre as necessidades dos alunos e as possibilidades de intervenção docente. De acordo com Sassaki (2003), incluir significa adaptar o sistema para o indivíduo, e não o contrário, perspectiva que impõe à escola a responsabilidade de rever práticas, estruturas e concepções que, historicamente, reforçaram processos de exclusão.

Partindo dessa compreensão, a presente pesquisa dedica-se a analisar a realidade de três apoios pedagógicos de uma sala de aula em uma Escola Municipal do Recife, com foco no trabalho desenvolvido por esses profissionais. Esse recorte de estudo ganha relevância por situar-se no cotidiano escolar, onde se materializam os discursos e políticas de inclusão. As vivências relatadas pelos profissionais permitem compreender os desafios enfrentados no processo, assim como as estratégias adotadas para tornar a inclusão efetiva no ambiente investigado. Dessa forma, o estudo não se limita a descrever práticas, mas busca problematizar os limites e as possibilidades da atuação pedagógica voltada para os alunos neurotípicos.

A pertinência da investigação se sustenta no impacto social e educacional que a inclusão escolar representa. Ao trazer à tona reflexões sobre o papel do apoio pedagógico, pretende-se contribuir para a valorização de um trabalho muitas vezes invisibilizado ou subdimensionado, mas que se revela essencial à promoção de uma educação democrática e de qualidade. Em outras palavras, discutir o apoio pedagógico significa discutir também a efetividade do direito à inclusão, previsto legalmente, mas nem sempre garantido no cotidiano das escolas.

O objetivo central deste trabalho é analisar os desafios e as estratégias relacionadas à inclusão escolar, e como dito anteriormente, a partir da perspectiva do apoio pedagógico, identificando os obstáculos mais recorrentes enfrentados no dia a dia escolar e as ferramentas utilizadas por esses profissionais para superá-los. Além do objetivo principal, busca-se também refletir sobre a relevância da formação continuada, da valorização profissional e da disponibilidade de recursos pedagógicos e estruturais como condições indispensáveis para a consolidação de práticas inclusivas.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório, sustentada em duas frentes: o levantamento bibliográfico, que possibilitou a construção do referencial teórico, e a investigação de campo, realizada em uma escola pública municipal do Recife. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, instrumento que favoreceu a compreensão das experiências, percepções e desafios vivenciados pelos profissionais que atuam diretamente no processo de apoio pedagógico.

Os resultados apontaram para a centralidade do papel do profissional de apoio, cuja atuação, embora determinante para a inclusão, ainda é pouco reconhecida e, em muitos casos, desvalorizada. Observou-se que, frequentemente, esse trabalho é reduzido a um acompanhamento superficial, sem que haja a devida preparação, suporte institucional ou oferta de recursos pedagógicos adequados. Esse cenário fragiliza a aprendizagem dos alunos e compromete a efetividade do processo inclusivo, revelando um distanciamento entre as políticas educacionais e a realidade escolar. Entre os principais entraves identificados, destacam-se a ausência de acessibilidade arquitetônica, a escassez de materiais pedagógicos adaptados e a falta de incentivo à formação continuada dos profissionais envolvidos.

A partir dessas constatações, pode-se afirmar que a inclusão escolar, embora seja um direito garantido em documentos legais e um ideal defendido no discurso educacional, ainda enfrenta obstáculos estruturais e pedagógicos significativos. Conclui-se, portanto, que a consolidação de uma escola verdadeiramente inclusiva depende de mudanças que vão além das práticas individuais de professores e profissionais de apoio. São necessários investimentos institucionais consistentes, políticas públicas eficazes, valorização do trabalho pedagógico e a construção de uma cultura escolar voltada para o respeito à diversidade. Assim, este estudo reforça que a inclusão não deve ser compreendida como uma tarefa isolada ou circunstancial, mas como um compromisso coletivo da comunidade escolar e da sociedade em geral.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório, bibliográfico e de campo. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de captar as percepções, interpretações e experiências dos sujeitos

envolvidos no processo educativo, aspectos que não podem ser reduzidos a números ou estatísticas. O caráter exploratório permite levantar reflexões e ampliar o conhecimento sobre a atuação do profissional de apoio. Já a dimensão bibliográfica foi essencial para a construção do referencial teórico, fundamentando a discussão em autores que se dedicam à temática da inclusão escolar, enquanto a dimensão de campo possibilitou a observação direta da realidade investigada.

Como principal instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, escolhida por oferecer flexibilidade ao pesquisador e, ao mesmo tempo, assegurar um direcionamento às questões centrais do estudo. Esse formato de entrevista possibilitou que os participantes compartilhassem suas experiências, percepções e desafios relacionados ao apoio pedagógico, permitindo a coleta de informações ricas e detalhadas sobre o cotidiano escolar. As entrevistas foram registradas em áudio por meio do gravador de voz de um aparelho celular, sempre mediante autorização prévia dos participantes. Antes do início das gravações, foi solicitado o consentimento informado, no qual se esclareceu que os áudios seriam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, com o objetivo de garantir transparência no processo e resguardar os direitos dos colaboradores da pesquisa.

No que se refere aos cuidados éticos, ressaltou-se aos participantes que a finalidade do estudo não é expor ou identificar indivíduos ou instituições, mas sim contribuir para reflexões e práticas inclusivas na educação. Por essa razão, não foram mencionados nomes reais da escola ou dos entrevistados, e todas as informações coletadas foram tratadas de forma confidencial. Assim, assegurou-se que os depoimentos pudessem ser utilizados sem risco de prejuízo pessoal ou institucional. Todas as informações foram tratadas com rigor ético, em acordo com os princípios da pesquisa acadêmica, assegurando o direito de imagem e de voz dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão escolar é entendida como o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana: composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos, com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações Sasaki (2003). Vale salientar que incluir não significa que a pessoa com deficiência ou

neurotípica deve se ajustar ao ambiente escolar, mas sim que a escola deve promover mudanças estruturais, pedagógicas e atitudinais que possibilitem sua participação plena.

Ao longo do trabalho, quando estávamos construindo as perguntas e durante a elaboração do projeto, pudemos ter como base também a história de Temple Grandin, que é uma mulher norte-americana que mudou a forma de lidar com os animais de criação e autista que passou por muitos estigmas (muitos deles dentro da escola) até conseguir se tornar uma renomada professora, cientista e defensora dos direitos dos animais.

Esse entendimento dialoga diretamente com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, LBI (Lei nº 13.146/2015), a qual assegura, em seu artigo 27, que a educação constitui um direito da pessoa com deficiência, garantindo um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e a possibilidade de aprendizado ao longo da vida. Além disso, a lei estabelece que os sistemas de ensino devem oferecer recursos de acessibilidade, promover a formação de profissionais e assegurar o apoio pedagógico necessário ao desenvolvimento dos estudantes, eliminando as barreiras que possam restringir sua participação.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi feita a partir de categorias estratégicas, abarcando tanto os possíveis desafios quanto os meios possíveis para suas superações na inclusão escolar. A entrevista foi realizada com três apoios pedagógicos. As categorias são: comunicação e interação, papel do apoio pedagógico, barreiras atitudinais, estruturais e formativas, e por último, as estratégias inclusivas.

Categoria	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3
Comunicação e Interação	Tenta utilizar os recursos visuais disponíveis, gestos e leitura labial para superar sua dificuldade em estabelecer uma	Destaca que o apoio dos colegas da turma é fundamental para manter a comunicação ativa e eficaz. Diz não entender muito do	Relatou que não sabe lidar com alunos não verbais; sente-se despreparada e afirma não haver formação suficiente para capacitar os

	comunicação.	assunto, mas sente falta de uma ferramenta que possibilite a comunicação com os alunos não verbais.	apoios em relação a isso, diz também sentir falta de um profissional fonoaudiólogo na escola.
Papel do Apoio Pedagógico	Afirma que seu papel é incentivar os alunos a fazerem as atividades pedagógicas propostas pela professora. Enxerga seu papel como mediador da aprendizagem e não como acompanhante.	Enfatiza que sua função é auxiliar na locomoção, alimentação e higienização. Mas, compreendem sua função. Diz que seu papel é ensinar e ajudar a fazer as tarefas escolares.	Relata que o maior desafio são os tensionamentos com os docentes, que não compreendem sua função. Diz que seu papel é ensinar e ajudar a fazer as tarefas escolares.
Barreiras Atitudinais	Relata a resistência de algumas famílias em reconhecer o diagnóstico dos filhos como um grande desafio atualmente.	Enxerga a falta de abertura de alguns professores para práticas inclusivas um problema presente. Ademais, não enxerga nenhuma barreira atitudinal.	Sente-se desvalorizado. Reforçou a falta de formação como problema gerador.
Barreiras Estruturais	Cita a falta de materiais acessíveis e sala sem recursos adaptados.	Considera que a escola apesar de oferecer alguns recursos, há carência de formação ou preparo para utilizá-los, afirma o	Diz ter como principal desafio a ausência de uma sala de apoio; trabalha em diferentes turmas sem planejamento integrado.

		entrevistado.	
Barreiras Formativas	Considera as formações da rede muito básicas.	Participou de curso externo que considerou mais efetivo do que os ofertados pela rede de ensino.	Relata sentir falta de formação específica sobre TEA.
Estratégias Inclusivas	Promove interação entre alunos em jogos e atividades coletivas.	Cria “duplas pedagógicas” entre alunos com e sem deficiência.	Utiliza histórias e jogos adaptados para promover empatia. ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os desafios e as estratégias da inclusão escolar sob a perspectiva do profissional de apoio pedagógico. A partir das entrevistas realizadas, constatou-se que a comunicação constitui um dos aspectos mais críticos do processo inclusivo, sendo unânime entre os participantes o sentimento de despreparo para lidar com essa dimensão. Todos os entrevistados relataram dificuldades em estabelecer uma comunicação efetiva com os alunos, e dois deles destacaram, de forma mais enfática, a ausência de ferramentas adequadas que possibilitem a mediação da interação com estudantes não verbais, evidenciando uma lacuna significativa na prática cotidiana.

A análise das entrevistas evidencia também que o papel do profissional de apoio pedagógico ainda é marcado por ambiguidades e indefinições institucionais. De um lado, aparece a compreensão de sua função como mediador da aprendizagem, alguém que estimula a participação dos alunos e contribui diretamente para o desenvolvimento pedagógico. De outro, sobressai a percepção de que o apoio se restringe ao cuidado assistencial, sendo o pedagógico visto como secundário. Esse cenário evidencia a falta de clareza nas atribuições formais do apoio pedagógico, a sobreposição de demandas e a invisibilidade do papel desempenhado, esses elementos

evidenciam que a função do apoio pedagógico ainda é marcada por certa indefinição e diversidade de atribuições no ambiente escolar.

Os relatos dos entrevistados evidenciam que as barreiras atitudinais ainda constituem um entrave significativo à efetivação da inclusão escolar. A resistência de algumas famílias em reconhecer o diagnóstico dos filhos foi apontada como um desafio relevante. De modo semelhante, a falta de abertura de determinados docentes para práticas inclusivas demonstra que há limitação na postura e nas concepções que orientam a prática pedagógica. Soma-se a isso o sentimento de desvalorização manifestado por um dos profissionais, que associa a escassez de formação continuada à dificuldade de reconhecimento de sua função no espaço escolar. Esses elementos revelam que as barreiras atitudinais não se restringem apenas às famílias ou professores, mas também se expressam na própria estrutura escolar, reforçando estigmas, desvalorizando funções e fragilizando o compromisso coletivo com a inclusão.

As entrevistas também evidenciam a presença de barreiras estruturais que comprometem a efetividade da inclusão escolar. A ausência de materiais acessíveis e de recursos adaptados nas salas de aula revela um cenário em que a infraestrutura não acompanha as necessidades pedagógicas dos estudantes. Ainda que a escola ofereça determinados recursos, a carência de formação adequada dos profissionais impede que esses instrumentos sejam utilizados de maneira eficaz, o que limita seu potencial de impacto. Além disso, a inexistência de uma sala de apoio específica foi apontada como um obstáculo, uma vez que obriga o profissional a atuar em diferentes turmas sem um planejamento integrado, dificultando tanto a organização do seu trabalho quanto a continuidade das estratégias pedagógicas. Tais elementos indicam que as barreiras estruturais envolvem tanto a insuficiência de recursos materiais quanto a ausência de condições organizacionais que favoreçam o trabalho integrado e a consolidação de práticas inclusivas.

Os profissionais de apoio pedagógico relataram que a formação oferecida pela rede de ensino é bastante limitada, deixando lacunas importantes para a prática diária. Um dos entrevistados destacou ter participado de um curso externo, que considerou mais efetivo e alinhado às necessidades do trabalho inclusivo, evidenciando que a qualificação oficial muitas vezes não supre as demandas reais do cotidiano escolar. Além disso, foi apontada a ausência de formação específica sobre Transtorno do

Espectro Autista (TEA), o que reforça a necessidade de capacitação contínua e direcionada, capaz de preparar os profissionais para lidar com diferentes perfis de estudantes e situações pedagógicas. Esses relatos indicam que a insuficiência ou a formação desqualificada impacta diretamente na atuação dos profissionais e na efetividade das práticas inclusivas, evidenciando um campo que ainda carece de atenção estratégica por parte das políticas educacionais.

As estratégias de inclusão mencionadas pelos profissionais de apoio pedagógico concentram-se em promover interação, participação e desenvolvimento socioemocional dos alunos. Entre as práticas citadas estão a realização de jogos e atividades coletivas. Outra abordagem é a formação de “duplas pedagógicas”, em que os alunos trabalham juntos em atividades acadêmicas. Além disso, foram mencionadas atividades baseadas em histórias e jogos adaptados, utilizadas como instrumentos para estimular a empatia, a compreensão das diferenças e a inclusão de alunos com necessidades específicas. Essas estratégias evidenciam uma articulação entre aspectos pedagógicos e socioemocionais, como também apontam para a construção de contextos de aprendizagem que promovem tanto a participação ativa quanto a interação social entre todos os estudantes.

Diante disso, conclui-se que a inclusão escolar depende de uma rede de fatores que vão além da presença do apoio pedagógico. Fica evidente que a inclusão escolar é um processo complexo, marcado por múltiplas dimensões que interagem entre si. Os profissionais de apoio pedagógico desempenham funções variadas, enfrentam desafios relacionados à comunicação, à integração com docentes e à adaptação de recursos, e desenvolvem estratégias que buscam promover participação, cooperação e compreensão das diferenças entre os alunos. Esses elementos revelam que a efetivação da inclusão não depende apenas de intenções ou esforços individuais, mas de uma articulação entre condições estruturais, organização escolar, formação continuada e práticas pedagógicas planejadas. Assim, o estudo evidencia que, mesmo em contextos com limitações, é possível enxergar caminhos que ajudem na aprendizagem e a convivência inclusiva, mas reforça a necessidade de reflexão sobre o aprimoramento contínuo das políticas e práticas educacionais.

REFERÊNCIAS



BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 set. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

ISSN: 2358-8829